062 – 079 Poor Slave and living conditions  
  
Vincents text Portuguese My new book

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| 62  In my search for answers as to why we constantly see an enemy image in our fellow human beings—an image we use to justify violence—I wondered about the working conditions that continue to blunt us in body and mind. Rough work is still performed by blacks while whites direct it. Many blacks have been killed in these sawmills and even more feet and fingers have been cut off—as on this worker. In Central America I saw how the US provides military support for the bloody repression of trade unions, yet I was shocked to find almost no trade unions in the Southern States that could protect such workers. These workers received no compensation when the saw cut their fingers off, and they had to be back at work two days later, for as one was told, “there are a lot of hungry niggers outside waiting to get work.”  In a society that makes such violent inroads into life, in a country where European concepts such as workers’ management and unions are light years from the worker’s consciousness, the time-clock easily becomes the new whip of the slave master—a symbol of our perennial violence. When, five years later, I returned to see Sam Kator (photo on page 65) to give him my book, I found he’d been beaten to death by police in a prison cell. Traveling in the world of black Americans inevitably becomes a journey into the soul and into the history of every person you meet. You begin to understand the traits and tendencies we’ve impressed on the souls and collective consciousness of black people through slavery as well as how, ever since, we’ve not only perpetuated and revived both their distress patterns and our own, but also intensified them.             65  *Poor slave, take the shackles off your body,*  *poor slave, put the shackles on your mind.*  *Please listen to me carefully*  *and if I’m wrong then correct me.*  *But if I’m right my song do praise,*  *now let’s see if we agree:*  *The definition of a slave*  *means one not free entirely*  *so a slave is still a slave*  *if he can’t think independently.* 66  *A tree is still a tree*  *though it sheds its leaves when winter comes.*  *But it blooms again in spring*  *for it did not lose its roots at all.*  *But a slave remains a slave*  *without the knowledge of his roots*  *until he’s taught the past*  *not just some, but all the truth.*  *Poor slave, take the shackles off your body,*  *poor slave, put the shackles on your mind.            69*  *There was a brother the other day*  *telling me he’s feeling high*  *but I just sadly had to sigh*  *for drugs and booze ain’tglory,*  *and if I had the chance to get high*  *I would tell the truth and not a lie,*  *for the highest high a man can get*  *is from wisdom, knowledge and understanding.*  *Poor slave, ease the pressure off your body,*  *poor slave, put it on your mind...*               70  When I lived with the underclass, I understood how the physical shackles also became mental shackles. These shacks in which we’ve confined our slain brother Cain since slavery are utterly inhuman and do not admit a feeling of freedom or the opportunity to unfold intellectually and creatively. One hundred years ago, we lived next door to blacks. Seeing our neighbors consigned to inferior living conditions is incomprehensible and hurtful to the innocent white child. Growing up, we’re slowly manipulated into developing hostile images—with the result that the natural joy of being with blacks in the US or immigrants in Europe is violently suppressed. When the vicious circle of oppression is thus fulfilled, it becomes natural for whites to rationalize away how these outcasts live right next to their own luxury homes in miserable shacks, often smaller than this original slave cabin. Or as white students often say after my lectures, “Before I saw your show, it never occurred to me that real people lived in those shacks!”  Yet, the gloomy abyss in our minds, reflected by these slum conditions, is far worse than in my photographs. The pictures don’t show how the wind whistles through the cracks, making it impossible to keep warm in winter or the sagging rotten floors with splits so wide that snakes and vermin crawl right into the living room. The powerlessness I feel trying to photograph these stifling sensations mirrors the powerlessness they impose on our trapped victims. Even if I could have afforded a wide-angle lens to record the narrowness, the images couldn’t show the absence of running water, toilets, showers, and electricity. I saw thousands of Americans grow up in the glow of the kerosene lamp.           72  In the same way I didn’t feel capable of portraying the strange psychic feeling of suddenly being transferred to a condition we in Denmark haven’t known for the last hundred years (although it is delightful, after all the stifling noise characterizing American homes, to suddenly stand in the silence of no TV or radio). Liberal whites, who don’t fear their lights will be turned off, sometimes argue during my lectures that blacks should be happy for the same reason. With such romanticism we reveal a terrifying insensitivity toward the psychology of involuntary poverty.  And even if you are perhaps free from the invasion of the commercials of affluent society inside your shack, you nevertheless have your prospect destroyed by the aggressive omnipresent billboards right outside. | 62  Em minha busca por respostas sobre por que vemos constantemente uma imagem inimiga em nossos semelhantes - uma imagem que usamos para justificar a violência - me perguntei sobre as condições de trabalho que continuam a nos embotar no corpo e na mente. O trabalho rude ainda é realizado por negros enquanto os brancos o dirigem. Muitos negros foram mortos nestas serrarias e ainda mais pés e dedos foram cortados - como acontece com este trabalhador. Na América Central eu vi como os EUA fornecem apoio militar para a repressão sangrenta dos sindicatos, mas fiquei chocado ao encontrar quase nenhum sindicato nos Estados do Sul que pudesse proteger tais trabalhadores. Estes trabalhadores não receberam nenhuma compensação quando a serra cortou seus dedos, e tiveram que voltar ao trabalho dois dias depois, pois como foi dito, "há muitos negros famintos lá fora esperando para conseguir trabalho".  Em uma sociedade que faz uma incursão tão violenta na vida, em um país onde conceitos europeus como gestão de trabalhadores e sindicatos estão a anos-luz da consciência do trabalhador, o relógio do tempo se torna facilmente o novo chicote do mestre dos escravos - um símbolo de nossa violência perene. Quando, cinco anos depois, voltei para ver Sam Kator (foto na página 65) para entregar-lhe meu livro, descobri que ele havia sido espancado até a morte pela polícia em uma cela de prisão. Viajar no mundo dos negros americanos torna-se inevitavelmente uma viagem para a alma e para a história de cada pessoa que se encontra. Você começa a entender os traços e tendências que impressionamos nas almas e na consciência coletiva dos negros através da escravidão, bem como como, desde então, não só perpetuamos e revivemos seus padrões de angústia e os nossos, mas também os intensificamos.  65  Pobre escravo, tire as grilhetas do seu corpo,  pobre escravo, coloque as grilhetas na sua mente.  Por favor, escute-me com atenção  e se eu estiver errado, então me corrija.  Mas se eu estiver certo, minha canção é elogiada,  agora vamos ver se estamos de acordo:  A definição de um escravo  significa que não se está totalmente livre  então um escravo ainda é um escravo  se ele não consegue pensar de forma independente.  66  Uma árvore ainda é uma árvore  apesar de soltar suas folhas quando chega o inverno.  Mas ela floresce novamente na primavera.  pois não perdeu de forma alguma suas raízes.  Mas um escravo continua sendo um escravo  sem o conhecimento de suas raízes  até que ele tenha ensinado o passado  não apenas alguns, mas toda a verdade.  Pobre escravo, tire as grilhetas do seu corpo,  pobre escravo, coloque as grilhetas na sua mente.  69  Havia um irmão no outro dia  me dizendo que ele está se sentindo alto  mas infelizmente tive que suspirar  para drogas e bebidas não é glória,  e se eu tivesse a chance de ficar pedrado  Eu diria a verdade e não uma mentira,  para a mais alta elevação que um homem pode obter  é de sabedoria, conhecimento e compreensão.  Pobre escravo, alivie a pressão de seu corpo,  pobre escravo, coloque em sua mente...  70  Quando vivi com a classe inferior, entendi como as grilhetas físicas também se tornaram grilhetas mentais. Estas grilhetas nas quais confinamos nosso irmão Caim morto desde a escravidão são totalmente desumanas e não admitem um sentimento de liberdade ou a oportunidade de desdobrar intelectualmente e criativamente. Há cem anos atrás, vivíamos ao lado de negros. Ver nossos vizinhos remetidos a condições de vida inferiores é incompreensível e prejudicial para a criança branca inocente. Crescendo, somos lentamente manipulados para desenvolver imagens hostis - com o resultado de que a alegria natural de estar com negros nos EUA ou imigrantes na Europa é violentamente reprimida. Quando o círculo vicioso de opressão é assim cumprido, torna-se natural que os brancos racionalizem como estes marginais vivem ao lado de suas próprias casas de luxo em barracos miseráveis, muitas vezes menores do que esta cabana original de escravos. Ou como os estudantes brancos costumam dizer após minhas palestras: "Antes de ver seu programa, nunca me ocorreu que pessoas reais vivessem naqueles barracos".  No entanto, o abismo sombrio em nossas mentes, refletido por estas condições de favela, é muito pior do que em minhas fotografias. As fotos não mostram como o vento assobia através das rachaduras, tornando impossível manter o calor no inverno ou o chão podre e flácido com rachaduras tão largas que cobras e vermes rastejam até a sala de estar. A impotência que sinto ao tentar fotografar estas sensações sufocantes espelha a impotência que elas impõem às nossas vítimas presas. Mesmo que eu pudesse ter uma lente grande angular para registrar a estreiteza, as imagens não poderiam mostrar a ausência de água corrente, banheiros, chuveiros e eletricidade. Vi milhares de americanos crescerem no brilho da lâmpada de querosene.  72  Da mesma forma, não me senti capaz de retratar a estranha sensação psíquica de ser transferido de repente para uma condição que nós na Dinamarca não conhecemos nos últimos cem anos (embora seja encantador, depois de todo o barulho sufocante que caracteriza os lares americanos, ficar de repente no silêncio de nenhuma TV ou rádio). Os brancos liberais, que não temem que suas luzes sejam apagadas, às vezes argumentam durante minhas palestras que os negros deveriam estar felizes pelo mesmo motivo. Com tal romantismo, revelamos uma terrível insensibilidade à psicologia da pobreza involuntária.  E mesmo que você esteja talvez livre da invasão dos comerciais da sociedade afluente dentro de sua barraca, você ainda assim tem sua perspectiva destruída pelos outdoors agressivos e onipresentes do lado de fora. |  |